



## **PAINEL DEBATE CENTRALIDADE DO TRABALHO NA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE E A COMPLEXIDADE DE MODELOS NO BRASIL**

A Fundação Perseu Abramo organizou, no mês de novembro, painéis com expositores que formaram uma etapa preparatória para o Seminário “A realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores”, que vai ocorrer em Brasília, nos dias 5 e 6 de dezembro.

O segundo encontro, “O novo mundo do trabalho”, contou com a participação de José Dari Krein, Roseli Figaro, Petilda Serva Vazquez e Nicolas Souza Santos. Como objetivo, o evento se propôs a discutir as complexidades atuais do mundo do trabalho, que envolvem a plataformização, o sofrimento psíquico e as relações entre o universo empreendedor e o trabalho formal tradicional.

### **1. O DEBATE SOBRE MODELOS**

Principais assuntos:

- realidade do trabalho sacrificante para maior parte das pessoas;
- dados positivos sobre empregabilidade não são sentidos pela sociedade;
- histórico de informalidade, rotatividade, precariedade;
- anos 90 e a globalização;
- valores morais evangélicos e a valorização do empreendedorismo;
- direitos sociais, CLT e MEI;
- o tema do trabalho precisa ser central na pauta do PT.

### [CONFIRA A EXPOSIÇÃO SOBRE O ASSUNTO](#)

O professor do Instituto de Economia da Unicamp e diretor do CESIT, o Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho, José Dari Krein, abriu sua exposição alertando sobre a necessidade de interpretação da realidade para além dos dados. Segundo o professor, discutir o assunto é complexo já que as percepções das pessoas se mostram diferentes dos números atuais relacionados ao emprego no país, que seguem com uma tendência positiva. “A realidade do trabalho para a maioria das pessoas é algo bastante penoso e sacrificante, ou seja, existe na sociedade um descontentamento muito grande sobre o que está acontecendo nas suas vidas e isso se expressa no trabalho”, comenta Dari.

De acordo com Dari, historicamente, o Brasil nunca conseguiu organizar seu mercado de trabalho, diferente de outros países centrais. A informalidade sempre foi muito estruturante, os salários extremamente baixos, com alta rotatividade. Nesse sentido, havia a convivência de setores mais

dinâmicos com setores ainda bastante atrasados e de baixa produtividade. Esse processo histórico culminou nos anos 80, onde começaram as respostas políticas ao problema e um entendimento de que o trabalho configura uma questão social.

Nesse sentido, na avaliação do professor, a forma como o Brasil se inseriu nos anos 90 no processo de globalização foi decisiva. Ele aponta que “perdemos o bonde histórico”, já que a decisão do então presidente Fernando Henrique Cardoso foi a de incentivar a reorganização econômica por meio do agronegócio, que é incapaz de absorver as necessidades de empregabilidade da população.

Dentre os desafios atuais, aparece o reforço da ideia do empreendedorismo como saída. A ideia está ligada a conceitos religiosos que colocam uma perspectiva de que o empreendedor é superior ao funcionário tradicional. O diretor do CESIT explica que não é a CLT, como forma de proteção social, que está ultrapassada, como diz o senso comum, mas sim o modelo, a rotina, e as relações dentro do trabalho formal; “as pessoas não são contra ter direitos”, conclui. Nesse tema, o professor citou ainda a realidade dos trabalhadores, em diversas categorias, que não têm garantidos os direitos sociais, mas que ocupam postos de trabalho nas empresas, em uma realidade conhecida como “pejotização”.

A crise atual é multidimensional, com diferentes fatores de insatisfação, incluindo um mal-estar generalizado a partir de questões como a realidade climática, valores da sociedade e decisões geopolíticas. “Como esquerda e como Partido dos Trabalhadores, é preciso recolocar a ideia na sociedade de que não é possível organizar a vida social sem colocar o trabalho na centralidade, precisa ser um eixo estruturante”, afirma Dari.

## 2. O MUNDO DO TRABALHO E O INDIVÍDUO

Principais assuntos:

- trabalho como atividade humana;
- subjetividade dos indivíduos;
- dignidade dentro da ideia de trabalho.

### [CONFIRA A EXPOSIÇÃO SOBRE O ASSUNTO](#)

“O que organiza a vida em sociedade é o trabalho, e não estou falando da questão do emprego, mas do trabalho como atividade humana. Se as pessoas estão ficando doentes, sofrendo, infelizes com o mundo do trabalho, é porque ele afeta a estrutura das pessoas”, comenta Roseli Figaro, professora da Universidade de São Paulo e coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, o CPCT.

Para Figaro, a esquerda abandonou a pauta. “Nós jogamos fora a bandeira do trabalho porque caímos no papo furado de certos intelectuais e organismos multilaterais de que o trabalho é um tema antigo, e não é por aí”, comenta.

As questões de saúde a partir do trabalho são pesquisadas por Petilda Serva Vazquez, que é historiadora e socióloga do Trabalho, e trouxe ao debate a ideia de que “quem organiza o trabalhador, primeiro, não é o sindicato, mas sim a estrutura do capital”, que sujeita os corpos dos trabalhadores e sequestra a subjetividade no ato de vida e na construção da humanidade.

A socióloga aponta a necessidade do sujeito em construir memórias dentro do contexto do trabalho e que a realidade aponta para o fato de que o trabalhador é “calado” e “engolido” pela estrutura. Vazquez fez uma crítica ao campo da esquerda que, segundo ela, não consegue enxergar o assunto além das institucionalidades. “A gente não consegue pensar fora das instituições. A gente não consegue pensar fora de estruturas, olhar para a experiência do sujeito que precisa construir memória, história, contar a sua história”, pontua.

### 3. TECNOLOGIA E FUTURO

Principais assuntos:

- Capitalismo e apropriação do trabalho;
- Desespecialização do trabalho;
- Soberania nacional
- Inteligência Artificial e recursos naturais;
- PL 2338.

#### [CONFIRA A EXPOSIÇÃO SOBRE O ASSUNTO](#)

Pesquisadora da relação dos trabalhadores com tecnologias como a Inteligência Artificial, Roseli Figaro aponta que a apropriação do capitalismo a partir do trabalho humano segue a pleno vapor. “Que novo mundo do trabalho é esse? O que tem de novo? De novo tem sim muito, mas é pouco para o trabalhador”, questiona.

“Nós estamos vivendo hoje uma transformação dos quadros de como se organizam as profissões. Há uma grande desespecialização, uma desorganização completa, inclusive de profissões tradicionais, e uma reconfiguração delas por baixo, por baixo, no sentido de tirar aquela sua especialização”, explica.

Com relação a Inteligência Artificial, a professora detalha os principais pontos em torno do assunto a partir do debate sobre soberania. “A tal da IA nada mais é do que: força de trabalho, água, minério e território. Não tem IA nas nuvens, só tem IA com trabalho humano, que é invisibilizado, mal pago, não reconhecido e com trabalhadores doentes”.

“É o mundo do trabalho que está disputando a soberania porque, se nós vamos entregar água, território e força de trabalho de mão de obra barata para quem vem aqui aplicar a sua tecnologia, suas patentes, nós vamos perder o bonde da história novamente”, projeta Figaro, que alerta para a importância do debate na sociedade do Projeto de Lei 2338, que quer regulamentar a IA no Brasil.

## 4. FIM DA JORNADA 6X1

A professora Petilda Vazquez lembra que a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho não é novidade na história. Desde o movimento ludista, na Revolução Industrial, a pauta foi um norte, incluindo a regulamentação de jornada de mulheres e crianças naquele período. Ou seja, não há novidade na proposta de trabalhar menos, tendo em vista o debate pelo fim da escala 6x1.

“A questão, que está muito presente nas redes sociais, da jornada 6 por 1, colocou o cavalo encilhado na nossa frente, a partir do qual nós podemos recolocar a discussão do trabalho na sociedade. Nós não podemos, como partidos de esquerda, perder essa oportunidade de potencializar esse debate, mesmo com resultados pequenos. O que está colocado hoje é como nós podemos conquistar corações e mentes dessa classe trabalhadora heterogênea com interesses distintos”, defende o professor Dari.

## 5. CATEGORIAS POR APLICATIVOS

Principais assuntos:

- redes de apoio entre entregadores;
- mapeamento e dados sobre os entregadores;
- acidentes de trabalho no trânsito
- jornadas extenuantes;
- pressão dos aplicativos.

### [CONFIRA A EXPOSIÇÃO SOBRE O ASSUNTO](#)

Representante da Aliança Nacional dos Entregadores por Aplicativos, Nicolas Souza Santos é motoboy em Juiz de Fora, em Minas Gerais, e trouxe relatos do cotidiano da categoria que, segundo ele, se organiza muito a partir de grupos de whatsapp, que permitem a troca rápida de informações e constroem uma rede forte de solidariedade para situações de emergências nas ruas.

Segundo o IBGE, há pelo menos 579 mil entregadores por aplicativos no Brasil. O representante da Anea apontou a tendência de crescimento da categoria e comentou a dificuldade em produzir dados nesse sentido. Nicolas destacou ainda o monopólio da plataforma Ifood, que concentra cerca de 370 mil entregadores do montante das plataformas.

O entregador ressaltou a vulnerabilidade dos motoboys enquanto trabalhadores devido aos altos índices de acidentes, que são contabilizados como acidentes de trânsito e não como acidentes de trabalho e citou a pressão no Sistema Único de Saúde. Santos abordou também as longas jornadas de trabalho, no mínimo 10 a 12 horas por dia, e que não há espaços adequados para que os entregadores aguardem os pedidos, comentando inclusive que há trabalhadores que montam acampamentos nas ruas das grandes cidades, como São Paulo.

Além disso, outro fator que pesa sobre os motoboys é o controle das plataformas. “É muita pressão, a qualquer momento você pode ser bloqueado do aplicativo, existem sistemas de avaliação, a saúde da sua conta”, explica Nicolas Santos.

## ALGUNS PONTOS DA INTERAÇÃO DO PÚBLICO:

**O problema da empregabilidade, ao invés de ser resolvido com a questão da redução da jornada, pode ser resolvido com a redução do período laboral, ou seja, com os trabalhadores se aposentando mais cedo? Há países nesse modelo, como a Austrália. Pensando que em um futuro muito próximo quem vai sustentar o capitalismo será o trabalhador inativo.**

É preciso levar em consideração que a geração Z, por exemplo, não concorda com a ideia de viver para trabalhar, mas sim trabalhar para poder viver, aproveitar mais a vida. O fim da escala 6x1 no Brasil pode ajudar a criar novos postos, porque são empregos, em geral, no setor de serviços. (José Dari)

**Qual é a principal forma de organização dos motoboys hoje?**

Estamos em uma zona cinzenta porque há motoboys CLT de alguns comércios, por exemplo, mas historicamente somos uma categoria autônoma, desde antes dos aplicativos. Agora, com as plataformas, a principal forma tem sido as associações, não porque a categoria não quer sindicato, mas porque não existe a possibilidade deles existirem dentro desse modelo, os aplicativos não reconhecem, elas desobedecem a legislação. (Nicolas Santos)

**Sobre a invisibilidade dos jovens enquanto trabalhadores, é importante dizer que os jovens periféricos protagonizaram dois principais movimentos, recentemente, o breque dos apps e o fim da jornada 6x1.**

É importante destacar a necessidade de dignidade no universo do trabalho. Na minha pesquisa, ouvi muitos trabalhadores, as circunstâncias eram críticas. As próprias crianças já flertam com situações de exaustão perante rotinas rígidas nas escolas, já chegam no espaço do trabalho com burn-out. (Petilda Vazquez)

**Como compreender a relação das plataformas de aplicativos com os trabalhadores? Qual é a avaliação sobre o PLP (Projeto de Lei Complementar) 12, que trata sobre o assunto?**

A lógica das plataformas é a de teia de aranha. Ela se expande entre os territórios e suga de volta. Então, os comércios acabam reféns dos aplicativos. Ela subordina a todos a sua volta. E nessa relação os trabalhadores são o elo mais fraco. A única forma de fazer isso é a regulamentação, ter um estatuto do trabalho. (Roseli Figaro)

[CONFIRA TODAS AS PERGUNTAS DO PÚBLICO APRESENTADAS NO DEBATE](#)



